

Marcha de Badiz

Marcha de Cadiz

Fazenda em 1.ª e 2.ª quadras

Personagens

- | | |
|-----------------------------|-----------|
| - Teres | Jacobi |
| - O Regedor | Simão |
| Machado (carpeiro) | Luiz |
| Barboso | Francisco |
| Souza (planteiro) | João |
| Quilobão (confiteiro) | João |
| Alfayta | Luiz |
| Agosto Superior de Teatro e | Luiz |
| Tratós | Luiz |
| Moacel - | Luiz |
| 1.º Criado | Luiz |
| 2.º Criado | Luiz |
| Blarina | Luiz |
| Philomena | Luiz |
- Constas

— Acto unico —

1.º quadro

Fazmo de praça a todo o fundo. A D. a casa do Regedor praticavel e, a E. a loja do confiteiro, com porta e montra na qual se verão travessas com doces, bolões, etc. A fachada da confitearia está adornada com luminarias e bandeirolas. No centro do scenario haverá um arco de buxo junto do qual estará Manuel, subido a uma eschada, com o 2.º moço collocando balões. O côro bate palmas e duas mulheres dançam durante o numero seguinte. *Começo*

Scena I

Manuel, 2.º moço e Côro

~ Tenores ~
E bailar raparigas
Eis a dança arriava

Olá! Olá!

~ Todos ~

Olá!

~ Amores ~

E caritar; mas castigas
Vae, ah viridinha

~ Todos ~

Dó, ré, mi, fá

~ Amores ~

Giromos lestaamente
Qual do moimbo
Girando a mão.

~ Todos ~

Dó, sol, mi, dó, canção de Libon

~ Amores ~

Dançar alegremente
Devagarinhos

~ Todos ~ Teatro e Cinema

Fá, mi, ré, dó,

Noite de festa

Será logo esta

Na nossa villa

Sol, mi, dó, si,

Nós bailaremos

E correremos

Quais cães de fila

Si, mi, dó, si,

Ainda virrimos

Lesta e badiava
Põe-te a dançar
Sabes da moda
Baile de roda
Balar, bailar!

~ Tenores ~

É dançar, oh rapazes
Em viva dança

Olé! Olé!

~ Todos ~

Olá!

~ Tenores ~

Ligeiras e fugazes
Ninguém assustava

~ Todos ~

Dó, ré, mi, fá

~ Tenores ~

Essa boca de fada
É mais macia
Que um pão de ló

~ Todos ~

Dó, sol, mi, dó,

~ Tenores ~

Da mais assustada
Confeitaria!

~ Todos ~

Fá, mi, ré, dó,

Noite de festa

Será logo esta

Na nossa villa

Sol, mi, dó, si,

Nós bailareros

E correreros

Quaes cães de fila

Si, mi, dó, si,

Anda muezina

Levta e ladivra

Põe-te a dançar

Sabes da prola

Baila de roda

Bailar! Bailar!

Anda muezina

Põe-te a dançar

Baila de roda

Bailar, Bailar!

Dó, ré, mi, fá, fá,

Sol, lá, si, dó, ré, mi, fá.

~ Todos ~

(dando palmas) - Bravo! Muito bem!

Mamed

(um cirra da estrada) - Basta! Basta! Deixem-se de baibanços, que ainda temos muito que fazer neste embrechado! Torçam-se d'aqui para fora!

~ 1.º moço ~

(Que entra com uma braçada de verde) - Oh Mamed, terás bastante?

~ Mamed ~

Sim. Parece-me que sim.

2.º moço

Mas para que é aquillo?

~ Mamed ~

O que? Isto? É para o deputado que está a chegar ao Superior de Teatro e Cinema.

~ 2.º moço ~

Parece-me muito verde.

~ Mamed ~

Bom muito! Não vêes que elle é da maioria? Tem que se lhe enfeitam a estrada. É, além disso, deitam-se-lhe 25 foguetes adiante da regedoria e 25 atrás da tri-dinar que lhe hão-de castar.

~ 1.º moço ~

E quando chega?

~ Manuel ~

Arranhã de mandã. Tem elle e o Senhor A.
Administrador.

~ 2.º moço ~

Ouve lá! Não é preciso mais verde para o ad-
ministrador?

~ Manuel ~

Não. O administrador aparrha descido mar-
teiros e ramos de papoulas. E depois dei-
tam-se-lhe margaridas em cima.

~ 2.º moço ~

Oh, diabo! Oha se o esbarracharam com
tanta sacropia em riba d'elle!

Manuel

Chitão! Toca a trabalhar que vem ahí a
patriã. (sobe a escada e o 2.º moço também. Pela
D. entra o Regedor, o Barbino e Tjgnalião.)

Scena II

- Os mesmos, Regedor, Barbino e Tjgnalião -

Regedor

Então como vac isto?

Manuel

Vac bem. Já cá estão os balões, os bandeiros.

las e a herua. (O Regedor dirige-se a vel-a)

~ Sigmalião ~

Bravo. Está de uma cannia! Não é verdade?

~ Barbeiro ~

Algo herribara ou quiza hyperbolico.

~ Sigmalião ~

Carro?

~ Barbeiro ~

Redundante.

~ Regedor ~

Bem. Estou satisfeito. (dirge ao centro) Agora vão lá para a regedoria enfeitar a porta da entrada. (Ao Barbeiro indicando Manuel.) Oh mestre, diga aqui a este o que tem de fazer. (miche-se em casa)

~ Barbeiro ~

Bem (a Manuel) Oha, o que eu quero é que terhas muito cuidado com que os arcos collateraes do frontispicio não coincidam com os vertices.

~ Manuel ~

Amen Jesus. (perigna-se e sai com os moços; a parte.)
Quando falla em latim dá gosto ouvido. (sai)

Scena III

Sygnalião, Barbeiro, e depois Regedor

~ Sygnalião ~

Sim, senhor. Parece-me que a fachada da regedoria hade ficar linda, mas eu também hei de fazer figura como confeitaria e como juiz de paz. Que diz você a confeitaria?

~ Barbeiro ~

(olhando) É uma maravilha.

~ Sygnalião ~

(ao Barbeiro) Só falta que você me acabe a letreiro para o escudo que hei de pôr em cima da porta.

~ Barbeiro ~

Tenho aqui, já se li ao senhor Regedor. Quer ver? (tira um papel e lê) Ao deputado pelo Furdão, os eleitores agradecidíssimos deste M-E-M-O-

~ Sygnalião ~

Deste mesmo?

~ Barbeiro ~

Não ha nem M-E-quer dizer - Menito heroica e M-O- muito honrada para.

~ Sygnalião ~

Mas heroica e honrada não se escreve com H?

~ Barbeiro ~

Escreve, sim senhor. Mas se voce mece
põe aqui dois H H, não se sabe nem quan-
do é heroico nem quando é honrado.

~ Sygnalição ~

Bem seja isto.

~ Barbeiro ~

(Lendo) Ao deputado pela Fundação, os elci-
toros agradecidissimas d'este M-A-V-O.

~ Sygnalição ~

Que diabo é isso agora?

~ Barbeiro ~

M-A-V-O. Muito attento venerador
e obrigado.

~ Sygnalição ~

Oh! Agora!

~ Barbeiro ~

Mas agora reparo. Onde se mettem o re-
gedor?

~ Sygnalição ~

Entrou para casa.

~ Barbeiro ~

Ele ali vem. Oh! diabo!

~ Sygnalição ~

O que é?

~ Barbeiro ~

Olhe para elle!... Que cara que traz! Parece
um defunto... cadaverico.

~ Pygmalião ~

É verdade! Que a canteceria?

~ Regedor ~

(pindo alvoraçado com um papel na mão.) - Ah,
senhores, senhores! Horrivel! Ubi!

~ Pygmalião ~

Mas que succedeu?

~ Regedor ~

Perdidos!

~ Barbeiro ~

Quem?

~ Regedor ~

Nós. Carta do administrador (a Pygmalião)
Vocencei cadeia perpetua. Eu, mais ca-
deia (ao Barbeiro) E vocencei desterrado.

~ Barbeiro ~

O quê?

~ Regedor ~

Sim, senhor. Terá que sair d'este - M-
- E - M - O - para - M - A - V - O -

~ Barbeiro ~

Com os diabos! Que me diz?

~ Sigmalião ~

Explique-se.

~ Regedor ~

Já vão ver se a coisa é ou não de arrambos. Recordam-se daquelles cem mil reis que pedimos ao administrador para organizar cá na terra uma philharmonica?

~ Os 2 ~

Sim, senhor

~ Regedor ~

Lembram-se de que graças ao deputado aparranhos a massa

~ Os 2 ~

Sim, senhor.

~ Regedor ~

Lembram-se de que fizemos um accordo e a gastámos?

~ Sigmalião ~

Concordo.

~ Barbeiro ~

Sim, mas a importancia está justificadissima. Uma parte distrahiu-se em despesas diversas, outra parte distrahiu-se...

~ Regedor ~

(interrompendo). Distrahiu-se você e ficou com
ella.

~ Barbeiro ~

Sim, mas aquella parte...

~ Regedor ~

N' aquella parte foi você! Cal-se! O ca-
so é que se gastou o dinheiro com distraç-
ões e vejamos agora o que me diz o admi-
nistrador entre outras coisas. (lendo). « Esti-
marei que a philharmonica organizada
com os cem mil reis que se enviaram a
essa regedoria, arreceise a nossa chegada
tocando a popular marcha de Cadiz. »

~ Sygnalão ~

Sim, mas não tinham combinado que o
regedor da villa mais proxima nos impres-
taria a sua philharmonica para nos tocar
mos da entalacao?

~ Regedor ~

É verdade. Mas sicam a carta que acaba
de receber do meu collega. (lendo). « Queridos
Lucas: Não posso, como te offerci, man-
dar a philharmonica. Amanhã casa-se
o boticario e ha muito que tocar. O que
posso fazer para te salvar da arriocca, é

mandarte o Pires que é um sujeito que
toca clarinete muito bem, e quatro curiosos
que vão a pé. O Pires vai de burro. Tem burro,
ou tem burro, ... tem amigo = O regedor.))
Então que me dizem à urracadella?

~ Barbeiro ~

Horribilissima!

~ Sigmalião ~

É claro. Uma banda só de cinco...

~ Barbeiro ~

Naturalmente ficamos de cara a banda.

~ Regedor ~

E somos corridos por tabella.

~ Barbeiro ~

E chega o deputado... ao Cinema

~ Regedor ~

E carambola. Vai tudo de uma banda.

Que havemos de fazer?

~ Sigmalião ~

Uma ideia.

~ Barbeiro ~

Cuspa-a!

~ Regedor ~

Oiça!

~ Sigmalião ~

A nossa salvação é esse Toms. Esse clarinete que se encarregue de reger e os outros quatro que tocarem. Arranjemos seis ou sete rapazes com instrumentos, misturam-se com os quatro e fingem que tocam também. Ao mesmo tempo a prova acompanha a música cantando: (cantando a entrada de Cadiz) = Re-tá-té-him, Re-tá-té-him! La-ra-La-ra-la-la-, e salvam-nos!

~ Barbeiro ~

Bem pensado.

~ Regedor ~

Não ha outro remedio.

~ Barbeiro ~

Indubitável.

~ Regedor ~

Agora o que é preciso é arranjar rapazes com instrumentos e raparigas com garganta, para os ensaiar.

~ Sigmalião ~

Isso.

~ Barbeiro ~

Eu encargo-me de tudo.

~ Regedor ~

Bem. Faça constar pella villa que to

dos aquelles que têm a disposição para
tocar alguma coisa se dirigiram à rege-
ria; e os que têm a instrução os levaram
a sua loja.

~ Barbeiro ~

Está bem. (salida falsa.) Borimban, inclusive.

~ Sygnalião ~

É os dois clarinetes da sacristia. (Barbeiros saem)

Scena IV

Regedor e Sygnalião

~ Regedor ~

(indo abraçar Sygnalião) Ah, senhor Sygna-
lião, graças à sua ideia, estamos salvos!
É o confeitiro de mais talento...

~ Sygnalião ~

Mas, senhor Lucas, que não havia eu
de fazer por si, estando para me casar pa-
ra o mez que vem com a minha, a for-
mosa Philomena, não desfazendo em que
estou presente.

~ Regedor ~

(aperta-lhe a mão) Muito obrigado. Isto é
que tem sido um dia!

~ Sygnalião ~

Para mim, teve sido horraroso, um dia horrível de sustos. Esta manhã, apenas abri os olhos entrou-me pela casa dentro o Theodorico, o meu caixeiro, e diz-me: = Senhor Sigmalião, vem ahí o bicho = Imagine que susto.

~ Regedor ~

O quê? Você ainda tem medo do papão?

~ Sigmalião ~

O bicho da casinha para ajudar a bater as gemmas dos ovos que me remettem de Lisboa. E tenho que ir por elle a estação e abandonar a loja. Por isso eu tenho tanta vontade de me casar com a sua irmã.

Ella é quem se ha de encarregar de dar que fazer ao bicho. A propósito, vou com a primmeira.

~ Regedor ~

Deixa em paz agora. O que é preciso é ir à regedoria ver o que fizeram os ovos.

~ Sigmalião ~

(olhando a D.) Como é bonita!

~ Regedor ~

Avie-se horroroso!

~ Sigmalião ~

Que toucinha!

— Regedor —
O quê?

— Inimiga —
Que toicinho do céu que eu fiz! Se o de-
putado o prova não me o habito de Chris-
to. (sae E.A.)

— Regedor —
Meu Deus, quando virá esse clarinete?
Quando chegará o tal Peres? (sae pela
D.A. - Ao seguir saem da confeitaria Clarinha e The-
odorico, a primeira a correr e o segundo atrás d'ella com
uma caçarola (ou sanica) e uma colher de pau batendo
gemas d'ovos)

ESIC
Escola de Teatro e Cinema

— Clarinha —
Theodorico

— Clarinha —

a
Já te disse que não... e não! Faz favor de estares
quieta!

— Theodorico —

Estão não posso dar-te um abraço?

— Clarinha —

Não senhor.

— Theodorico —

Nem um simples abraço?

— Clarinha —

Simples?!... Simples és tu!

— Theodorico —

Estão em tua que tentas a chamar-te julhar a
da minha existência, estrela pedar dos meus so-
nhos juvenis, formosíssima promba privada da
liberdade para isto?

— Clarinha —

O que eu te digo é que não quero abraçar até ao
dia em que nos casarmos.

— Theodorico —

Mas como nos podemos nós casar, se quando
me chego para ti, corres comigo?

— Clarinha —

No dia em que o padre nos abençoar!

— Theodorico —

O padre! Tu o queres é que eu compre uma ca-
rpa de fosforos de espera galego e me suicide...
com o desespero porque assim... (batendo mui-
to depressa os ovos) se isto continua... não posso viver.
(continua a bater) Isto é para a cabar com a vida.

— Clarinha —

Theodorico, por Deus, não te desesperes... Espera
que vamos à igreja, e depois...

— Theodorico —

Para, depois... depois... (batendo mais depressa) Bem sei (ainda mais depressa) Depois, não têm graça nenhuma!

- Clarinha -

Queremos de convencer o meu pai.

- Teodorico -

Mas têm que ouvir o que eu quero... não fazer-me esquecer...

- Clarinha -

Porquê?

- Teodorico - de Lisboa

Porque, outro dia, quando soube que ele sabia das nossas relações e de queria tirar da loja, fui-me a elle e disse-lhe: Senhor Fígornalhão, sempre quero ver... sempre quero ver...
de Teatros e Cinema

- Clarinha -

E que viste?

- Teodorico -

Um numero na testa, que vi as estrellas!

- Clarinha -

E tu que lhe disseste?

- Teodorico -

Dize-lhe sim ou não as coisas feitas e acrescenta: O senhor Fígornalhão, comigo não brinca vocemêce porque me chamam Teodorico Peão

Cordeiro e têmbo dois generos: = Um, dos loões que é a familia do anem fide, amalditos e circunativos e outro dos cordeiros, que são humildes e caridosos. Se não caso com a sua filha serrei Loão se caso serrei cordeiro. Agora molha

— Clarinha —

E que foi que elle molhou?

— Teodorico —

Calhou e eu ordão, peguei e disse-lhe: Convieta no caso molhar, e de outro de que te avo deus a nota de si três ou quatro cordeirinhos. Sabes o que me responderes?

— Clarinha —

Que foi?

— Teodorico —

Que não quoria molharos mas que não...

— Clarinha —

Tantos ser muito desgraçados.

— Teodorico —

(para ella) Se não me veio bem de uma coisa que tenho pensada...

— Clarinha —

Que é?

— Teodorico —

Olha. Como sei que o negociador fez o que quer de ter pac, que até que namor com a D. Paula

mulher e que o rejeitar ainda doído por causa da
mulher, graças a uma espécie de orfan com a
das as raparigas da casa, que vou dar que falar.
É uma massa coral.

- Clarinha -

Estão... estão quando estavam com aquelas rapa-
rigas...

- Theodorico -

Estava como as outras na massa

- Clarinha -

Bem vi, bem vi. Instituto Politécnico de Lisboa

- Theodorico -

Apresento o meu afeto ao deputado, e rege-
do agradeço a influência com que me, com os e...
da cá um abraço! (para fora) Cinema

- Clarinha -

Não!

- Theodorico -

Diz eu não, diz um abraço? (entra Philomena pe-
ra DA)

Acto VI

Os mesmos e Philomena

- Philomena -

(dentro) Não! Não!

- Clarinha -

(à parte) D. Philomena! (sae pola confeitaria)

- Theodorico - Theodorico

(à parte) A arissa! (batendo os ovos) Não é que é unca-
ca!

- Philomena -

(dentro ainda) Não, não sejas atrevido. (retorna) Si!
É si?

- Theodorico -

Sae m. Manduca-lha alguma coisa?

- Philomena -

Si, Theodorico! Está a atreaz! Estão a sés?
(olhando)

- Theodorico -

Sim.

Escola Philomena Teatro e Cinema

(indo ao bastidor por onde entrou) Não! Não!

- Theodorico -

Estavas, sim, a atreaz.

- Philomena -

Não hez, Theodorico... não sei se te diga... mas
contigo tinha pira

- Theodorico -

Mas o que é?

- Philomena -

(indicando o bastidor) Ah! Esse não hez ali?

- Teodorico -

Vem aqui.

- Filomena -

Tais esse homem vem a seguir-me.

- Teodorico -

Oh senhora! Está doído! (desce à EB)

- Filomena -

Está! Está doído por mim! Vou de Lisboa em minha procura. Os padecimentos são os mesmos. Tal quanto eu colho na caridade da sua mãe.

Declaram-me o seu amor e... ai! Não a frequência de aceitar os seus requêritos.

- Teodorico -

Maria Perfeccionista!

Escola Superior Filomena Teatro e Cinema

É este conego. Vou para que escutara a minha palavra.

- Teodorico -

Mas... É se seu irmão sabe disso?

- Filomena -

Mata-o. Não é que está o busto.

- Teodorico -

(indo a ella) É se o senhor Tiquinhão vem a saber?

- Filomena -

Urei duellas! Estudo por alguma causa... Ah! Elle
ahi... Olha para elle!

- Theodorico -

(olhando a D.) E dirige-se para aqui!

- Filomena -

E verdade. Váhamos Deus!

- Theodorico -

Cá está a fera! (entra Floriano pela D.A.)

Scena VII

Os mesmos e Floriano de fora

- Floriano -

Philomena! Tu! Ah! Vem aqui! Ah!

Filomena

Floriano! Ah! (cae sobre Theodorico)

- Theodorico -

(sustendo-a) Ah!

- Floriano -

Ah! Cada vez mais guarda! Philomena! Philo-
mena! Perdão! Perdão! (Quando vai a ajoelhar-
se aos pés d'ella, cae-lhe um puncho e tropeça na bola da
bota que está descorçada)

- Filomena -

(tornando a si) Ah!

- Floriano -

Não, não é nada. É a convocação.

- Glomera -

Floriano, vai-se embora... não posso ir mais.

- Floriano -

Não?

- Rodolfo -

Não senhor. É impossível! Creia-me, senhor!

- Floriano -

É a convocação, mesmo?

- Rodolfo -

Sim.

Instituto Politécnico de Lisboa

- Glomera -

Mas que vá o senhor aqui fazer?

- Floriano -

Tive que ir embora, por causa da convocação.

- Glomera -

Oh! Se o meu irmão te visse, ficaria perdido...

- Floriano -

O irmão perdido... eu?

- Rodolfo -

Sim.

- Floriano -

Boa noite, mesmo. Mas não é perdido do que estava em Lisboa era impossível... impossível. Minha irmã adorada!... impossível fazer... fazer isso.

dor! Em um Lisboa não corria, não dormia,
(apalpando a barriga) Perdia aqui um vacuo e um
vacuo lá de outra maneira pouco melho.

- Filomena -

Causa?

- Floriano -

Comerido, dormindo, voltando ao meu espírito
a tranquillidade perdida, des de o momento que
te vi... e te amei e jogueiras a buca.

- Teodorico -

De modo que se conduziram a um hotel...

- Floriano -

Sim, foram a um hotel. Eu estava preocupado
com a repartição da dívida publica. Que tem
pro aquelle! Quando ella se foi, mudei de hotel.

- Teodorico -

Por causa d'ella?

- Floriano -

Não, por causa da dívida. A repartição era
muito longa, e além d'isso, tendo me recordava
aquellas palavras que me dirigias: Amozê, disse-
te-me tu uma noite.

- Filomena -

Foi um cargo de paixão.

- Floriano -

Foi sempre corridor... Amante, dizia-me tu, sou tu
viva, rica, tenho feijões... tenho Botatas... e vivi na
largo sou futuro rico, (arrancando um pedaço de
sola do sapato e atirando com elle) julianas casar-me e
desde então ando por ti a arrancar pedações da
muita alora. E hoje, hoje, que ando em busca,
do futuro rico, queris que me vá embora? Não
ca.

- Filomena -

Floriano, como...

- Floriano -

Eu não.

- Filomena -

Diga-me: Como te hoides com o car de que não
podes arruar-te? Va-te! Va-te!

- Floriano -

Nunca!

- Theodorico -

Vá-se embora, elle que o arde na cadria.

- Floriano -

Jovem, na oração ninguém se arreda!

- Theodorico -

Tais aqui perdem-se na com oração e tudo.

- Floriano -

Não me importa. Perdi a felicidade uma vez.

e não quero perdê-la outra. Guardada era a rapariga,
fui para o Brasil, dizendo consigo: Casa-me
com uma brasileira e volto com ela. Chegues,
encontrá-la e, d'ahi a quinze dias, já estava em
Portugal. Quinze dias! Uma quinquena.

- Teodoro -

Voltou com a quinquena.

- Floriano -

Não senhor. Vou em viagens de carreira. Perdi
tudo, interpôs-se outra, também, teve uma ques-
tão de arte... por causa de uma tua mulher
que arreou e vinha obrigando a regressar à pa-
tría. Encontrou esta mulher, voltou e a mulher
nova esperava. Vou abandonar-a? Não! Não!

Qu'abandonas o coração, ou... Cinema

- Filomena -

Meu coração!

- Teodoro -

É o mesmo coração!

- Filomena -

O computador!

- Floriano -

Oh!

- Teodoro -

Oh!

— Floriano —

Oh, da guarda! É em que fuso?

— Filomena —

Dize que és outra pessoa; dissimula.

— Teodoro —

Calor-se! Isso fica a meu cuidado.

Scena VIII

Os mesmos, o Negedor, e Sygnalhão

— Negedor —

(a Filomena) Oh! Tu agui? de Lisboa

— Sygnalhão —

(idem) Formosa na Filomena!

— Negedor —

(vendo Floriano) O que? Vão paratêro?! de Lisboa

— Floriano —

Vou seu criado, espelentíssimo senhor negedor.

— Negedor —

Viva. Passou muito bem.

— Sygnalhão —

(ao negedor) Quem será?

— Filomena —

(atrapalhada) Não está senhor é...

— Teodoro —

(idem) Perquistada por si.

— Floriano —

Com afeto, ao acabar de ter a honra de chegar de...

— Teodoro —

De fora. Vem de fora.

— Sigmund —

(a negador) Para o navio?

— Negador —

É verdade!

— Floriano —

É verdade como o propósito exclusivo...

— Negador —

De se declarar?...

— Floriano —

(a parte) Oh! Com os diabos! (alto) Diz-lhe-lhe, senhor...
Escola Superior de Teatro e Cinema

— Negador —

De se declarar como queris. Vem da promoção vizinha, não é verdade?

— Floriano —

Com afeto... e...

— Sigmund —

Vão a pé?

— Floriano —

Pois senhor. Vão a pé.

— Negador —

Come as quatro?

- Floriano -

Não... não me atreva.

- Regedor -

Então não diga mais. O senhor é o Terra.

- Floriano -

Terra?... Eu?... O Terra?...

- Filomena -

Sim... sim... Era o que nos estavam a dizer.

- Teodoro -

E, é o Terra.

Instituto Politécnico de Lisboa

- Regedor -

(a Floriano) A meus braços, senhor Terra!

- Synchronia -

E aos meus braços, senhor! (abraçam-se)

- Regedor -

O senhor vem salvar a regedoria d'esse lugar.

- Floriano -

Eu?

- Regedor -

Sim, o senhor.

- Floriano -

(à parte) Estará vago algum lugar cá na terra?

(alto) Efectivamente, senhor Regedor, a regedoria
pode contar consigo.

— Alegedor —

O lugar é um...

— Floriano —

(à parte) Dão-me um destino. (alto) Mas como
fai que a escreveras um conhecido?

— Ingalhães —

Tão pouco conhecido a escrever!

— Floriano —

(à parte) Conhecido? Estão aqui, estão com uma
papa no ouvido.

— Ingalhães — de Lisboa

A sua boa fama chegou até aqui.

— Floriano —

Bom? (à parte) Não me conhecere.

Escola Super. Alegedor — e Cinema

Porém que a escrever pude muito conhecido.

— Floriano —

(à parte) Para, sim, reconhece-me.

— Ingalhães —

Mas muito conhecido.

— Floriano —

Em? É uma calhorrada. Nunca passei de sim-
co testes.

— Alegedor —

É diga-me uma coisa. Como é que a escrever

cujo não depressa?

Floriano

Ora... porque esse a cavalo

Teodoro

(a parte a Floriano) Burro.

Floriano

O quê?

Teodoro

Diga burro, diga burro.

Floriano

(ao redor) Burro! Burro!

Redor

Tais nós estavam a espera do senhor carro de
pão para a festa.

Escola Superior de Ingressão - Cinema

Que senhor não salve-nos!

Floriano

Eu? Meu carro?

Redor

Carro? Tocando o clarinete.

Floriano

Eu?

Redor

Tocando clarinete como o senhor sabe tocar,
como ninguém mais toca.

Florião -
Não, não, ninguém se toca... nem eu.

Podemo -
(à porta a Florião) Diga que não, ou matarei você!
Florião -

Isso é... nem eu... nem eu... sei como se toca. Imagina
como eu se tocará!

Regedor -
Pois tem que tocar uma marchinha da Cadez, com ou
sem se tinha ouvido.

Florião -
Uma marchinha? Aqui, o que se precisa é de uma
marchinha?

Pygmalião -
É sim senhor.

Florião -
(indo a sair) Então, ordinário, marchinha! Até logo!

Regedor -
(agarrando-o) Verba cá, homem! Você jantou com
nósco.

Florião -
Jantar?

Regedor -
Sim, senhor.

Florião -

Fico. Há carne esada?

- Dymalião -

Há

- Floriano -

Fico. (a parte) É seja o que Deus quiser.

- Dymalião -

Vamos para a cozinha para a carne ali alguma coisa. Entretanto acabamos de lhe replicar o resto.

- Jorgeador -

(vaz a sair) Vamos. (a Filomena) Oh, orama, por
vra occasi para tálher. (sae E.B.)

- Filomena -

Tronato. (a parte) Oh, a tocar! Mataram-me!
(entra para a confeitaria E.B.) (atto e Cinema)

- Teodorico -

Vou buscar os doces.

- Floriano -

Eu como... mas depois... ai! Não se fazem
concoctos especiais. Desapertam-se! (Para todos
para a confeitaria. Entram pelo F. D. Cerigaita, que é o
flautim, o Trompa, o Fagote e Tratos.)

Scene IX

Cerigaita Trompa, Fagote e Tratos

Os 4 músicos —

Sorrisos quatro músicos

A fazer o discurso

— Fagote —

Fagote sou

— Trompa —

Sou trompa

— Serigaita —

Eu sou flautim

— Snatos —

Eu sou está peritos

Faço chiss, chiss, chiss

Os 4 músicos —

É aqui quatro músicos

Sou vacilação

Sorrisos os melhores músicos

De toda esta oração

Que ha em toda esta oração

— Fagote —

Eu faço Loucuras

Com este instrumento

— Trompa —

Eu tudo domo

Se é questão de morto

Serigaita

Faca filigranas.
Corra este platão.

Pratos

Eu come estes pratos
Faca ovos, chiss, chiss.

Os 4 músicos

Nos os quatro juntos
Sem vacilação
Somos os melhores músicos.
De toda esta nação.

Nós vamos ajudar um a outro.
Que toca pelas onças como solé.

Nós vamos para tocar
Corra a pernaressa. Cinema
Do táncos dos achichlos
Por cabeça.

Os nossos instrumentos
De combate
Tocando nos quatro ventos
Ninguém bate.

Talento muito mais do que o Bellini.
O Wagner, o Mozart e o Beethoven.

Fagote e Trompa

Veja como tocamos.

— Serenata —
Toda a gente
Tão a mão acovado!

— Flautas —
Certamente.
^{Fagote}
já tem as quatro peças.
Nas adições.

— Trompa —
Nem mais a ninguém me guarda.
Com estes flautas.

— Serenata — de Lisboa
Eu sou o primeiro
Com este flautista.

— Flautas —
Eu com estes flautas
Tudo, chiss, chiss chiss.

— Fagote e Trompa —
Nas as quatro peças.

— Serenata e Flautas —
Nas as quatro peças

— Fagote e Trompa —
Sem vacilação

— Serenata e Flautas —
Sem vacilação

— Os 4 músicos —

Somos o melhorzinho
Que ha em toda esta nação
Se acaso duvidam
Temos demonstrar.

Que tocamos mais que Wagner.
Que Puccini e que Mozart.

Queiram pois admirar.

- Pratos -

Eu com estes pratos.

Faço churr.

- Ostensivos -

Está a banda do churr.

- Sago -

Muito bom.

- Inimpa -

Devotamente.

- Derigaita -

E agora que fazemos?

- Pratos -

Eu com estes pratos faço churr, churr, churr.

- Derigaita -

É que me parece que temos provar n'esta vila
que somos uns verdadeiros genios musicos por
que é superior que se habermos de provar.

- Fagôto -

Por força.

- Inatos -

Oica uma coisa, senhor Seringaitá. Tugarmos-há?

- Seringaitá -

Por força. Não resta dúvida, porque se assim não fosse, recorreríamos à força.

- Inatos -

De quem?

- Seringaitá -

A força da guarda fiscal, porque aqui há de haver guarda fiscal.

- Fagôto -

Por força.

Escola Superior de Música e Cinema

- Seringaitá -

Além disso eu estou decidido a cantar se não nos pagarem!

- Trompa -

E eu também.

- Inatos -

Está claro. Cantaremos todas bem alto.

- Fagôto -

Mas, então a furação metê vozes?

- Seringaitá -

Não metê vozes, mas metê gritos semão vier id.

admirável. (Entra Floriano com um guardanapo ao pescoço e as mãos cheias de doces.)

Scene X

Os mesmos e Floriano.

Floriano.

Jesus! Parece que não comia há quinze dias!
(vendo os pratos) Olá!

- Domingos -

Cavaleiro...

- Floriano - Amigo de Lisboa

Meus senhores, tenho muito prazer em...

- Domingos -

Nos damos os musicos que vivemos de...

Escola Superior de Música e Cinema

Q. musicos? Então ignoramos decerto quem eu sou?

- Domingos -

Sou...

- Floriano -

(fingindo que manéja a batuta) Pois bem, eu sou o...

- Domingos -

(pensando que elle está esparangido com o hijssope) O
Tutor da frequentia.

- Floriano -

Mais claro. Eu sou o Tera.

— *Seringueta* —

O Peres!!!

— *Sagete* —

O grande Peres!...

— *Trompa* —

O invencível Peres!!!

— *Tralós* —

Peres!!!!!!

— *Regedor* —

(sabendo com Sygmalião) Amigo Peres, toca a tocar!

— *Ronardo* —

(à parte) Tocar! Tableau!

— *Regedor* —

(aos músicos) Tocam, meus senhores.

Escola Sup. *Ronardo* e Cinema

(apresentando) Os outros músicos.

— *Seringueta* —

Uns senhores, já estavam todos.

— *Regedor* —

Bem, bem. Amigo Peres, vamos ao ensaio.

— *Todos* —

Ho ensaio! Ho ensaio!

— *Regedor* —

É preciso ensaio bem a particularia.

— *Ronardo* —

(à parte) A paracadaria!... Espancaram-me!

— Sigmaliã —

Viva o illustre Teos!

— Todos —

Viva! (saem menos Florian) E. D.

— Florianô —

Viva! Viva! Pode ser que não viva nem cinco mil-
contos. (entra para a confeitaria)

— Mutação —

Instituto Politécnico de Lisboa

2.º Quadro.

Um bando de bosque nos primeiros bastidores.
Entra Teodorico e o coro feminino. Recomenda-se
aos directores de uma especial unidade com este mu-
nido.

N.º 3

— Teodorico —

Visto que todas estere aqui.

É o meu projecto já conhecido.

Muito cuidado não dar de si.

É a ver merinas, corra e fazis.

— Coro —

Por Deus não te assustes.

Que nesta ocasião

Terceros cuidado

Terceros cuidado

No dar da lição

Doutores

(apresenta um
baralho)

Domingo sem falta

Chegar deverá

O tal deputado

O tal deputado

Que vos curará

Tomar pois as cartas

É a minha intenção

Dito

Mas façamos antes

A introdução.

Doutores

Vós são os reis

Vós as espadas

Os paus, os ametrinhados.

As copas fructeadas.

Antes d'ir se marcar

Que havis ensaiado

Vae cantar-se a letra.

Da introdução

Dito

Atenção!

- Teodoro -

Atenção!

- Voto -

As moças desta vila

- Teodoro -

Forte, mas copas.

- Voto -

Da vem juntas, birim birim dão

A vida simbólica

- Teodoro -

Forte mas caras!

- Voto -

Com alogria, birim birim dão

Visto que bom mereço

- Teodoro -

Os paus e espadas!

- Voto -

Por seu tabereto, birim birim dão

Acerte sua excelencia...

- Teodoro -

Todos os naipes!

- Voto -

Nos resposos, birim birim dão

- Teodoro (fingindo dirigir-se aos deputados)

Dizer-me da vergorcha
Mi palavrinha.

Biriri, birri, dáio

Que a letra que cantam estas
É obra minha.

Biriri birri, dáio

Boro

Biriri, birri, dáio

Oh que formosa
Composição!

Contado tremme de Lisboa

De canções

Biriri, birri, dáio

Biriri, birri, dáio (birri)

Escola Superior de Música e Cinema

Instituto

Agora o coro

Entra na marcha.

Muito cuidado

Que é capital!

Tranquilo, forte,

Depois, piano,

Com uma boa sressonda

Para final!

Boro

Uma boa sressonda

(Repetir com 81 mm - mm)
Para fiscal
Pa-ra-lá-la
Pi-ra-lá-la
— Prodomo —

Viva o representante
Deste lugar fadado (bis)
A quem dedica um hino
O povo entusiasmado (bis)
Que viva o grande Lucas
O grande negociador (bis)
Feito por obra e graça (bis)
De Deus Nosso Senhor.
Feito por obra e graça
De Deus Nosso Senhor!
Est. Tu-ra-lá-la teatro e Cinema
O nosso coro é um primor (bis)
É de estalar
É um recitar
D'arreborderar
Faz um furor (bis)

— Continuação —

3º Quadro

Quintão d'uma casa pintada de branco e pela parede, qua

dos, panelinhas, etc, que lhe deem o carácter do interior d'uma
confeitaria. Portas ao F. e à D. Na E. outra porta em
forma de modo que se veja de todo o teatro, com abor-
turas redondas como se fosse a porta de uma dispensa.
Duas mesas e cadeiras, e sobre ellas bandejas, biscoitos de
doce, etc. A iluminação entrará Igualmente, Fagote, Pa-
gote, Trompa e Trato pelo fundo.

Acto I

Igualmente, Fagote, Trompa e Trato.

— Igualmente —

(Entrando) Terão, verdadeiramente por aqui. Aqui é
onde se fazem os doces e os pastéis. Terão
para subir os instrumentos.

Escola Superior de Cinema

Por Deus, não se incorre.

— Igualmente —

Não me incorre nada. (encosta os instrumentos
à parede D.F.) Sim senhores. (vem ao centro) Está
então combinado que nos salvarão do precal-
or tocando a marcha de Cadiz?

— Igualmente —

Certamente. A nossa especialidade são as
marchas.

— Igualmente —

É não se cançarem?

— Serigaita —

Nunca. Recorremos, tocamos uma marcha em Beira e tão bem, tão bem que, logo no dia seguinte deram-nos ordem de marcha. Querem iram-se? Oh! que marcha aquella.

— Trompa —

É verdade pela calçada acima.

— Sigmalião —

Bem, pois com os senhores, dirigidos pelo T^{to} ne, estamos salvos. Creia que o Sr. Peres é uma notabilidade.

— Serigaita —

Não o conheço, mas dizem que é maravilhoso.

Escola Superior Sigmalião —

Está bem, meus amigos. Não comor qualquer coisa, que eu vou dar uma vista d'olhos a minhas amendoas, que estamos a fazer para dar de presente ao deputado. Então porque não são? (os 4 fazem empinamentos sem nenhuma que nem sair adiante. Sac Sigmalião.)

— Serigaita —

Mé logo.

Acto II

- Teodorico se -

(saíndo da D.) Pois, sim, senhores. Desta feita é que me caso. Logo que eu diga ao senhor Tugmalião que esse menino não é amigão e quem vem tirar-lhe a noiva, de agradecido deixo que eu me case com a Charitka. Vamos viver para uma casinha, que há de alugar. Não sei se tome criada, se tome ama... Talvez seja melhor uma uma só...

- Tugmalião -

(dentro, chamando) Teodorico, venha aqui logo!

- Teodorico -

O amor... molhado! (entra Tugmalião. O amor seguinte deve ser muito rápido.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto III

- Teodorico e Tugmalião - (de F.)

- Tugmalião -

Homem, onde estão os meus netos?

- Teodorico -

(chamando os netos) Trabalhando, senhores Tugmalião.

Tugmalião

Ainda, arruma esta casa e tira daqui tudo isto. (indica livros, perversos, etc.)

Teodorico

Mas onde é que foi de meter tanta coisa?

— Sigmalião —

(indicando a B.) Naquelle quarto.

— Theodorico —

Naquelle quarto estão as prateleiras todas a-
bitradas. Vêem abaixo com o peso.

— Sigmalião —

Não importa. Mote tudo lá para dentro.
O que eu quero é esta casa livre. Vem o Pe-
res para aqui tocar.

— Theodorico — de Lisboa

O Peres? Oh, senhor Sigmalião, sabe que se
se tal Peres...

— Sigmalião —

Anda! Anda! Anda! (sae rapidamente)

Cena IV

Theodorico e depois Clarinha

— Theodorico —

O Peres! Vae tocar o Peres! Mas como vae e
le tocar os nãos sabe alguma coisa? Não cabo
d'ele por força.

— Clarinha —

(entrando B.) Theodorico!

— Theodorico —

Clarinha!

~ Clarinha ~

Que fazes tu aqui?

~ Frederico ~

Desespero-me

~ Clarinha ~

A nossa situação está complicada

~ Frederico ~

Iqual?! Não julgues isso. Agora é que estou
bem convencido de que nós vamos.

~ Clarinha ~

De veras? Como?

~ Frederico ~

Como? Olha, ajuda-me antes a meter tu
dois ali para dentro.

~ Clarinha ~

Para ali? Mas as prateleiras vem abaixo.

~ Frederico ~

Que queres! Tem paz teu pai. Eu bem lho disse.
Ajuda, dá-me a ginga.

~ Clarinha ~

(para o D. tomar o frasco da ginga) Ai vai.

~ Frederico ~

(arrumando-se no quarto do E.) Dá-me agora a batata.

~ Clarinha ~

(o mesmo pap.) Tama.
- Teodoro -

(idem) Ué!
- Clarinha -

(indo a t.) O que é?
- Teodoro -

Toto não recita... Eu fui e lá com ele! (indo a
cena) Agora vou fazer-te um presente. (vai es-
perando p. D.)

- Clarinha -

(indo a D.) O que é?
- Teodoro -

Pastelhas. Fize-as por minha mãe. (Virando de
bolsa e dando-lhe) Tama. De borbóito pimenta.
Escola Superior - Clarinha - Cinema

(acertando) Cada vez que penso que vamos ser tão
degraçados...
- Teodoro -

(mesmo pap.) Abobara.
- Clarinha -

É tudo por culpa do meu pai.
- Teodoro -

Tu pai está doente digo está doente.
- Clarinha -

O que ele é... é um

Teodorico

(mesmo João) Banana. A minha mãe é doída.
Esta minha mãe falou com ela.

Chamília

É de que te falou?

Teodorico

(mesmo João) Da mãe. Disse-me um segredo que
me vai valer a tua mãe.

Chamília

Teodorico?

Instituto Teodorico de Lisboa

Acadêmica.

Chamília

Ai! se fosse verdade...

Escola Superior de Teodorico Cinema

(mesmo João) Chamília!

Chamília

(idem) Teodorico!

Teodorico

Gosta muito de mim?

Chamília

Mantiveste

Teodorico

Lembras-te de quando eu saí falar-te a bo-
ta do saibor regedor?

- Clarinha -

Sim, sim. É quando corriamo atrás dos patos?

- Dodorino -

Sim, sim.

- Clarinha -

Lembra-te de aquelas duas patas?

- Dodorino -

Recordar-te de que me fizeram as patas de
tão perto... os seus rios corpinhos?

- Clarinha -

Apartar que te esqueceram aquela que cantavas
dos patinhos?

- Dodorino -

A apartar que não?

Escola Superior de Cinema

- Clarinha -

Como era?

- Dodorino -

Dize tu.

- Clarinha -

Era assim.

- N. A. -

- Dodorino -

Eu sou o pato.

Clarinha

Eu sou a pata.

- Trovadorico -

Que sobre o tanque
Tão se uadar.

- Chorinha -

Tem cá ingrato

- Trovadorico -

Tem cá ingrata

- Ch. -

Nada que uada

Sem de saçar

- Trovadorico -

Quando alguma pato

De uoltra ingrato.

- Chorinha -

Costuma a pato

Mover-se assim

- Trovadorico -

Até que, termo

É uauorado

Que de o pato

Com feuzim

- Chorinha -

(imitando o pato) Cara cá uá

Cara cá uá

- Trovadorico -

Vem cá só patêska
Porque estou em briga
E tenho vontade
De amar-te a ça.

Chorinho

Não quero já ver-te
Vá-te já malvado
Porque usou um pato
Foi tão malvado

Proditivo

Dona d'este tanque
Não me ponhas péss

Chorinho

Nunca vi um bebo
Com tão mais ideias

Proditivo

Um pato detras
Vas fazer de mim

Chorinho

Já me vas maocando
Faturando assim.

Proditivo

Eu sou o pato

Chorinho

Eu sou o pato

- Teodorico -

Que, sobre o sangue
Tão apacibar

Os mil peizinhos

Tão pintadinhos

E as perovinhas

Tara alucor

- Plomina -

Tola bordinha

Tua a patinha

Li segue o fato

Com ilucor

- Os 3 -

Depois, e as águas

Li vão pintadinhos

Cantam bem juntos

Esta canção.

Cara-rá-cui-cui-cui

Cara-rá-cui-cui-cui

- Teodorico -

Morre esse corpinho

Com muita ilucor

- Plomina -

Tu es um patinho

Muito magrinho

— Dondrino —

Não me estas cegar

E o biquinho assim

— Chorinho —

Ai, que estou massada

Não se aboque a mim

— Dondrino —

Ao olhar teu garbo

Tanta gentileza

Aborreo o sangue

Tudo eu sou fequiza.

— Chorinho —

Ai, que sou detorça

Neste canto sulco

Esc. Não me reportar tanto

Porque me marceio.

— Dondrino —

Sempre que te vejo

Tudo eu ardo em zêlo

É ate muito logo

De pé os cabelos

— Chorinho —

Não me digas isto

Não sejas farsão,

Porque me parece

Que és meu tolerância

- Qs 2 -

Cara-cá-má-má-má

Cara-cá-má-má-má

- Teodorino -

Abre a fechoa assim obico

Que me sinto tão feliz

Cara-cá-má

Cara-cá-má

- Corimbo -

Basta, basta Teodorino

Luto covas no mariz

Cara-cá-má

Cara-cá-má

Escola Superior - Qs 2 - Cinema

Abre a fechoa assim obico

Que me sinto tão feliz!

- Corimbo -

Ah!

- Teodorino -

Que sucede

- Corimbo -

É meu pai que vem ahí! (sorriso)

Scene V

— Horiano e Conquistador —

(Entram pelo D. pi ante pi. Horiano brava nas mãos
dos soldados e um leão com amendoas)

Horiano

(Arzudo Conquistador agarrado por uma das mãos e fechando
as portas) ~~Tudo dentro~~

— Conquistador —

Sim, mas...

Horiano

(Fechando uma porta e largando-lhe a boca) Chute.

— Conquistador —

Sim, senhor, mas...

— Horiano —

(Fechando outra porta e avançando rapidamente) Chute...
depois do parto) Diga-me uma coisa (misturadamente)
le) O senhor gosta de amendoas torradas?

— Conquistador —

Não senhor. Mas... pode-se saber porque
nos fechamos aqui dentro?

— Horiano —

Ja o vai saber. (guarda as amendoas no bolso e que
vão no cabelo) Estava a ver! Meu caro senhor!
A morte! (Conquistador nem se assustado) O suicidio!
O assassinato! Qual destas coisas escolher?

— Conquistador —

O diabo que o carregue

Horiano -

O diabo que o carregue? Está bom. Foi o suicí-
dio ou assassinato esperavamos dar-seis a ideia,
as sete meias um quarto.

Longaíto -

Mas, a onde?

Horiano -

Aqui. Vou morrer das consequências d'uma
marcha.

Longaíto -

Vae então andar muito?

Horiano -

Não me depararás... porque se me depararem,
que galope, meu caro senhor, que galope!

Longaíto -

Não esprechando.

Horiano -

(inda espreitando) Vou espreitar-me para que o
senhor se horrorize. Vê isto que eu tenho nas
mãos?

Longaíto -

Vêjo, meu senhor

Horiano -

Parece quenteco, não é verdade?

- Dorigaito -

Parece, sem saber,

- Horácio -

Tus não o topo. Tetai (aias de honra) d'isto... um
tanto como isto. (apto próprio)

- Dorigaito -

(assombrado) E qui?

- Horácio -

Caralho, eu não sou quem o saber, pensa

- Dorigaito -

O saber não é o Povo! (do de Labos)

- Horácio -

Não saber

- Dorigaito -

Então, não sabe tocar? (e Cinema)

- Horácio -

Nem um quinho

- Dorigaito -

Mas o saber não sabe compôr?

- Horácio -

Então, se eu soubesse compôr, imagina que tra-
zia as batatas assim?

- Dorigaito -

Então, se o saber não é o Povo, quem compõe
quem toca, é um grande fantocheiro

— Dionísio —

Sim senhor, para o servir. O regedor sempre me disse, imagina que sou o Tires, só pra de mim a sua salvação; e eu que vim aqui por causa da irmã que deu o nome de Fátima em troca da irmã que deu o nome de Fátima?

— Dionísio —

De modo que vem aqui por causa do amor?

— Dionísio —

Sim, senhor. Sim, mas não teço!

— Dionísio —

A não ser isso!

— Dionísio —

A desgraça, e de tudo eu o fado, fizera-me esta mudança em frente do regedor. Quando bate...

— Dionísio —

Então foi o fado

— Dionísio —

Corrido... e o que eu não quero. Para não vender o segredo do meu amor, tive que passar pelo Tires. Então o regedor disse-me: Tires, o senhor é a minha salvação. Eu toa, eu vim para a Penitenciaría. Se toa é um o lugar...

— Dionísio —

Qual lugar?

- Romano -

Eu sei lá. Algum lugar da hortaliça. Se não
foi, acrescentou ali, antes que eu me fôrça, por
duros e semma figueira. Fôrça não fôrça com que
eu me fôrça. Fôrça não se fôrça e subir. Ée ac
subir aquilo, e fôrça para me raspar.

- Corrigata -

É por que se não raspar?

- Romano -

Para não me perder. Não vê o senhor que
não sei o samuico?! Politécnico de Lisboa

- Corrigata -

É que vai agora fazer?

- Romano -

agarrando-se a ele Agarrar-me a si.

- Corrigata -

Appe!

- Romano -

Não quero que o senhor me escape. E subir
é a minha ancora... Quem escape de ancora...
deje a minha ancora de salvação

- Corrigata -

Mas que quer o senhor de mim?

- Romano -

Que me salve

— Sargista —

Como?

— Moriano —

Tocando por mim. Tenho um profeta e estes dois clarinetes, que me deu o senhor regedor. E se o senhor quiser, se o senhor toca... toque aqui.

(Sargista vai a tocar o clarinete) Ché! Não é um Toga eu que... se toca... toque aqui (indica-
ção para o clarinetista do lado)

— Sargista —

Quêêê?

Instituto Politécnico de Lisboa

— Moriano —

Quêêê festões e mais para si.

— Sargista —

Porque... porque mais festas eu salveis?

— Moriano —

É muito fácil. O senhor fecha-se neste quarto, (indica para o lado) e coloca-se atrás desta porta. Eu ponho a estante aqui ao pé, coloco o publico à frente, o mais longe possível, e a uma sinal conven-
cionalmente, rompo o senhor a tocar, procurando eu costar o clarinete a esses buracos que tem a porta, para que a não vejam. Fui eu que tocou, a ilusão do auditorio é perfeita, ratifico o re-
gedor, salvo-me eu.

- Serigaita -

É quinhentos e cincoenta para mim.

- Honório -

Nem mais nem pouco.

- Serigaita -

Bem. É bastante difícil, mas...

- Honório -

Por Deus, não me abandone, senhor... senhor...
Quem é que o senhor se chama?

- Serigaita -

Serigaita

Instituto Politécnico de Lisboa

- Honório -

(distraído) Ser ou não ser...

- Serigaita -

(microscopando) É gaita

- Honório -

Serigaita, bem sei. Da gaita é que eu mais preciso.

- Serigaita -

Esta dito. Escute comigo. Mas antes tracemos
um plano. E senhor sabe alguma coisa de medicina?

- Honório -

Nada

- Serigaita -

Não sabe a escala?

— Romano —

Qual escala

— Serigaito —

Achromatica

— Romano —

Que nome tem o quinto? É alguma subota das suas relações?

— Serigaito —

Já vejo que não pensa nada. Sabe o que é uma subotinha, uma nota negra? Sabe quanto vale uma negra?

— Romano —

Não senhor, mas deve valer pouco.

Escola Superior de Serigaito - Cinema

É uma minina, uma branca?

— Romano —

Sim... as brancas sempre valem mais, alguma coisa.

— Serigaito —

Isso seria conveniente que o soubesse. Ah... Uma branca equivale a duas negras. Se o senhor põe duas negras e fecha com uma branca, o que resulta?

— Romano —

Domingos.

— Domingos —

Qual homem! Enfim se lhe parece, tocare
uma coisa em ar de mupurba

— Floriano —

(embrançando apanha o apertado) Tão, não. Se é que se pare-
ce. Embora muita falta de ar, toque no ar, mas
não me faça dar.

— Domingos —

Meas para onde me faze o rebo?

— Floriano —

Aqui para dentro. Sabes-me?

— Domingos —

(embrançando) Meas eu não caibo aqui.

Escola Superior de — Floriano — ama

É's mesmo. Entre, que vou ahi gente. *Prindo*
à rena) Floriano! Sabaste-tó!

— Domingos —

(embrançando de novo) É verdade. Ciza lá uma coisa.

— Floriano —

Oh homem, vá lá para dentro.

— Domingos —

Tem que me dar o sua

— Floriano —

Agora não tenho troes.

— Donigata —

Não é isso, é o sinal para começar a tocar.

— Troiano —

Ah! É verdade. Oh! quando souvi dizer —
mesa a ver! — comeu.

— Donigata —

Esta bem. É para concluir?

— Troiano —

Para concluir, dou-lhe dois pontos-pis.

— Donigata —

Aonde?

— Troiano —

Na porta.

— Donigata —

Muito bem.

— Troiano —

(com um domineiro na mão volta à E.A.) Lá para de-
tes, que ahí vou eu (Donigata, entra para o quarto.
Troiano, Regedor, o Barbeiro, Piquinalhão, Teodorico, Troiano
na Clarinha)

Scena VI

Troiano, Barbeiro, Piquinalhão, Regedor, Plombonense e
Clarinha.

— Regedor —

Tantos a esta, meus senhores. Oha senhor Peres!

— Romano —

Meus senhores.

— Regedor —

Aposto eu como se estava a curar, hein?

— Romano —

Estranhamente. Fazia umas variações para ver
como estava o clarinete.

— Regedor —

É como esta?

— Romano —

Bem, muito obrigado.

— Rodolfo —

(Tranço a Romano) Quecher esta pedida!

Escola Superior de

— Romano —

(idem a Rodolfo) Não vender galinhas.

— Regedor —

É estas um bom instrumento?

— Romano —

É um clarinete magnífico!... Mas... magnífico!

Não toca sem ninguém lhe tocar!

— Regedor — digo — Rodolfo —

(Tranço a Romano) Hoje é o fim da sua vida!

— Romano — digo — Regedor —

É dizia o Espírito que lhe faltava uma obra...

— Horiano —

É verdade, mas...

— Regedor —

É só uma coisa. Se não tem chave, o que ha-
de fazer si usite?

— Horiano —

Chamo o guarda noturno e digo-lhe não faz nada
nhum! De todos os modos procurei as minhas
doctas aptidões si usite e agora se o senhor re-
gedor deseja deliciar a pessoa das suas relações
com um ligeiro concerto.

— Regedor —

Esta claro! Para isso é que usi aqui estamus!

— Teodorico —

(Volve a Horiano) Se quer encaregar-me das suas
tinas, acutadas, encarequis.

— Regedor —

Bem! Meus senhores, faça um favor de se retirar.

— Inqualias —

Teodorico

— Teodorico —

Senhor

— Inqualias —

Vae buscar a travessa da Alameda

— Teodorico —

Está vou. (na 1ª B.)

Leema VII

Os membros, meus Todoros

(aos outros)

~ Regedor ~

Toca a recitar, já disse. Todos agarram
cadernos e sentam-se ao lado do estúdio. Morianos find um
momento atropalhadíssimo.

~ Morianos ~

Seuhoi regedor um momento. Tira-me favor de
se colocar um pouco mais longe. Não se abriga
melhor a melodia.

~ Regedor ~

Toda para trás (sentam-se do outro lado da sala (D))

Escola Superior ~ Barbino ~ nena

(agarrando-se a todos os Morianos) Se puder, faça favor
de tocar uma melodia.

~ Morianos ~

Está dito. Uma melodia.

~ Barbino ~

Siiu, porque o director, da filarmónica que aqui
veio e aus passado era uma besta, não desfigurou
do Cumbuco, não faziam caso dele e, quando
aparrava na batuta e dizia: vamos lá a...

~ Morianos ~

(Abrindo-lhe a boca) Chuts! Por Deus! Que dizia
ele?

- Barbeiro -

Vamos lá a...

- Romano -

(idem) Chuts! Mas não se frige-lhe a cabeça
tante na cabeça.

- Barbeiro -

(em voz muito baixa) Quando dizia - Vamos lá a ver...
ninguém fazia caso dele.

- Romano -

Não? Poi então, neste-a (o barbeiro olhou)

- Regedor -

~~Quando quiser dizer~~ Quando quiser

Escola Superior de

- Romano -

(preparando-se) Vou começar.

- Regedor -

Vá lá.

- Romano -

Vamos lá a ver (finge que toca) Vamos lá a ver!

- Regedor -

Então?

- Romano -

Não... sim... vale já... é que... Vamos lá a ver!
(de repente me por não ouvir de repente)

- Pregador -

Mas que é isso?

- Romano -

É que não ouve!... Que não houve tempo de preparar a embocadura.

- Barbeiro -

(levantando-se) Alguma pertucação talvez? (para a direita)

- Romano -

Tem cor. (examina o charimê pela campainha)

- Pregador -

(levantando-se e voltando) Tem alguma coisa? (Barbeiro senta-se e o Pregador tambem)

- Romano -

Sim parece que... (Dá o charimê de trás. Romano põe imediatamente a boca no fundo do charimê, e logo o tira, indicando que toca. Durante o momento em que o Romano põe o charimê na boca nos bastidores)

- N.º 5 -

- Todos menos Romano -

É supregar

Naquella situação

Para admirar

A execução!

Por seu falar

Seu suspirar

Curtas! Curtas
Vão esmurçar
E empregar
Muita atenção
Para adquirir
A execução.
— Silêncio —

Como meu Deus
Pode enganar?
Também não
Quero ser focar.
— Todos meus Horários —

Ah, que maravilha
Quem não tem rival
Este clarinete
Não tem outro igual.
Toca com um gosto
É uma afinação
Que é preciso dar-lhe
Mas que uma ocasião.
— Horários —

Fico dogracado
Vão ser assassinado
Pois, se por desgraça
Como é de esperar.

Todos eles sabem
Que não dou um dó.
Fico certamente
Reduzido a pó.
- Dodói -

Alô! Chô! Chô! Alô! Chô! Alô!

Toca com um gosto
É uma alibação.
Alô! Chô! Alô!

Que é preciso dar-lhe Alô!
Mais que uma vocação.

- Regedor -
Como que delicadoteja
Toca o sob!

Escola Superior Inigualáveis - Cinema
Sociedade é uma orquestra.

Magistral.
- Iluminado -

Como ele da ligeira
Sustentado!

- Inigualáveis -
Tão vi na minha vida.

Crava igual
- Barbens -

Tal fama musical e maravilhosa.

~ Bagdad ~

Com grande entusiasmo fizeste já
Honra de isto é com d'ordieida.

~ Todos ~

Pegaste de futuro surrada.
~ Honra ~

Eu fico assim surrada.
Fico, entusiasmada
Porque este, sou eu toa,
Com um rouquial.

Seu roucoer nota,

Toca suas faj bota!

É isto é um milagre

Que aconteceu!

Escola Superior ~ Honra ~ Cinema

Tuque si, dada já perdidos

Que trabalho faze aqui!

Já comi três sus tendos.

Quatro faj até um sui

~ Todos ~

Que bonito é o que toa,

Que maneira de toar,

Escutando a melodia

Dá vontade de dançar.

Ai que exumato
Tão pyramidal
Cubica aqui se viu
Uma coisa equal,
Este clarinete
Não, não teu rival!

(Semimado e univoro pegue locando o clarinete e Moiana
aos portões de portas, sem levar o clarinete da boca)

Indos -

(Recontando-se a si próprio) Bravo! Quanto bom!

Regedor -

(aos outros) Magnifico!

Barbiero -

Insomniacoso!

Escola Superior -

Ilomeno - Cinema

Meu Deus! Meu Deus toca este homem? Se eu sou
basta que ele me tocar assim...

Inqualis -

Não a cauce.

Regedor - Moiana -

(aos portões de portas) Cal-se, sua besta!

Regedor -

Basta, basta, basta, margulico!

Barbiero -

Basta.

Reginaldo -

Basta, homem, basta!

Roriano -

É que me falta o retorcido.

Regedor -

Basta... (coloca o charimbo)

Roriano -

Gracias a Deus! (pousa o charimbo na estante)

Regedor -

Seuhores, este homem é a maior maravilha que eu tenho conhecido.

Roriano -

Seuhor regedor, muito obrigado. É uma modestia.

Escola Superior de Regedor Cinema

Regedor -

Portanto gritamos todos: Viva o Seuhor Peru!

Roriano -

Muito obrigado, meus seuhores, muito obrigado.

Regedor -

Vá! Gritamos todos! Vamos lá! (Logo depois o charimbo. Roriano vai buscar o cigarro e corre a levá-lo precipitadamente a boca, arrependendo-se pelos fundos) Mas não se incomode mais.

Todos -

Não se incomode, não se incomode.

~ Regedor ~

É está tocando ao contrabaixo.

~ Roriano ~

Não se incomode.

~ Barbino ~

Olhar o seu box toca ao contrabaixo.

~ Roriano ~

(à parte) Oh! Com os diabos! (ao pianista, o clarinetista e o violão)
caba de).

~ Regedor ~

O que foi?

Instituto Politécnico de Lisboa

~ Roriano ~

É que ficou numa chave aberta e acabou-se que se há uma mudança.

~ Regedor ~

Fechou a Escola Superior de Teatro e Cinema.

~ Roriano ~

Não se acuste. Já fugiu a chave para baixo.

~ Regedor ~

Com. Não devia eu que sou o seu assessor e preciso
recomendar o lugar a um

~ Roriano ~

Mas que lugar é esse? É alguma lugar comum?

~ Espinhalhas ~

(que tem salgado o suor) Qual há quem não é diretor da banda

~ Regedor ~

Deixa-me sofrer com os meus, para que não
vãa ficar com esta mancha de Cádiz e o lugar é eu
- Horiano -

Meus senhores, agradecido em nome da arte de
Horiano, de Luíza e de Magalhães (ambos presos
ladamente e 2.º moço)

Acto VIII

Os mesmos e 2.º moço

- Meos -

Senhor regedor! Senhor regedor! Meus senhores!
Estou perdido

- Regedor -

Que ha de uos?

Escola Superior de Meos - Cinema

Nada. É que acabei de chegar e estajeta com um
recado para si?

- Regedor -

Que recado

- Meos -

O Povo, o tocador de charuto, não pode ver.

- Todos -

Hein?

- Horiano -

(à parte) Falha-me Jesus-Christo!

- Regedor -

Mas quem disse isto?

- Meus -

O estafeta

- Romano -

Senhor regedor, não faça caso de estafetas do estafeta

- Engenheiro -

De modo que o Perce

- Meus -

Adocem

Instituto Politécnico de Lisboa

- Romano -

(a parte) E eu mevo!

- Regedor -

De modo que o senhor não é o Perce

- Romano -

(recozendo-se sobre o estômico) Senhor regedor

- Regedor -

De modo que o senhor não é o Perce? Adocem
se a mimpar com a autoridade? Ora vamos lá
a ver! (O barista tira de trás o Romano e segurar
no instrumento e o fuzgo que toca) Toca está de troça
cozido?

- Romano -

(sempre a tocar) Não, não, é que

Lala-se!

~ Regedor ~

Não posso!

~ Górgias ~

Silvius, fa dize! (para-lhe a barreira e continuam a
tocar dentro)

~ Regedor ~

(assustados) Ah!

~ Regedor ~ de Lisboa

Mas que tem este clarinete?

~ Górgias ~

Toca sem ninguém lhe tocar, não lhe dize tu?
(para-se dentro apitos e barulho de linha partida)

~ Górgias ~

(dentro) Si! Si!

~ Górgias ~

(assustados) Ah!

~ Górgias ~

(dentro) Socorro! Socorro!

~ Regedor ~

Mas quem é que está ali? (Sinalização para abrir
a porta)

~ Górgias ~

(saudando com a cabeça e a mão direita de dois) Hei! Hei!
- Todos -

Oflutuu!

- Duzigaita -

Matararam-me!

- Mazedor -

Esta ferido?

- Duzigaita -

São sei!

- Mazedor -

Marque teu roci na cabeça? de Lisboa

- Duzigaita -

São os peitos.

- Mazedor -

Os peitos? da Superior de Teatro e Cinema

- Duzigaita -

Os peitos de Loure Cabriauu em todos na malaxa-
uiba com a ebila. Os peitos eram as duzias e dei-
pararam-me se um peito. Oham como eu tenho o
fato?

- Mazedor -

São o queijo!

- Duzigaita -

Se fosse com roci, não dizia roci isso!

- Mazedor -

É doce de queijo beaurem!

~ Ruyador ~

Eu xorrums, o que fazia voci ali dentro?

~ Mariano ~

(o Doriguito perguntando-lhe o cosaco) Não me descubra pelo amor de Deus!

~ Doriguito ~

É que eu entrei para ali a tocar o charnuto para salvar este subcor.

~ Mariano ~

Subcor, subcor, não fuzum ora. Este haurem não sabe o que diz. Toram o puto que lhe subcoram a cabeça.

~ Doriguito ~

Não subcor o subcor não e o Deus, nem te sa nem nada. O subcor não aqui.

~ Mariano ~

Meu Deus!

~ Doriguito ~

Por amor de uma mulher!

~ Polomeno ~

Oh! (caz desmaiada sobre Doriguito)

~ Mariano ~

Ógua!

~ Charinho ~

Ela:!

Tranquila!

(romando a s.)

Não não é preciso.

(as nozes)

Deu. Vai avisar imediatamente o cabe
geral para que esteja este homem na cadeia (o me
so lar)

(caindo de joelhos)

Querem que eu, sobre as pedras, per
das! É isto, um túmulo aqui pelo amor.

Então é isto?

Não não por amor de um homem, como se sabe
no subterrâneo

Que gressuro

De não?

Não. Eu amo outra. (Caindo de joelhos com uma transe
za do coração)

Scena final

- Os marcos e Theodorico -

- Regedor -

Então quem é?

- Theodorico -

A clarineta

- Theodorico -

A clarineta? Cautamente! (olha-se para
a travessa à cabeça)

- Todos -

Os biscaites! (Theodorico apodreca-se)

- Theodorico -

Você a quem ama é a dona Felicidade.

- Theodorico -

(ameaçando-o com um biscaite) A dona Felicidade... Não
você se não fosse por estar aqui tanta gente, co-
mia-o!

- Esquilhões -

Sabe o senhor como isto se arranja?

- Regedor -

Como?

- Esquilhões -

Devendo este senhem para a cadeia e que o
flautim se encarregue de dirigir a Orquestra
da Cadeia.

— Regedor —
Está bem (a Orizaria) Toca a reunir os alunos!
(a Romano) É aqui toca para a cultura
— Romano —

Mas...

— Regedor —
Para a caduça
— Romano —

(indicando o público) Dêem-me despedir desta s-
ubora.

Tafá.

— Regedor — Lisboa
— Romano —
(avancando as propriedades) Lançada us sus... (Lira o
draper e cobrem-lhe os amendoas) pro e Cinema

— Regedor —
Aureudo se para o deputado! Ah, patife!
Ladrão!

— Equivocós —
(a Romano) Tuda faz tu a obrigação e toca para
a peça, a reunir.

— Romano —
(ao público) Seabeu-se aqui a marcha
Uma salua por favor
Uma salua bem fugada

Que acausou o estudante.

(caes/pau)

Foi documentalmente notado pelo empresário José Ricardo e co-
legista em Alameda - Janeiro de 1908.

Martinho de Brito

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

